

As subversivas mesas de bar

Giancarla Brunetto (coordenadora da Liga dos Direitos Humanos e do I Projeto Itinerante de Direitos Humanos do RS)

Mesa de bar – Onde tudo acontece, é um drama realizado no Brasil no ano de 2009 que, segundo seu próprio autor, é mais uma “experiência” do que filme. Na verdade, um filme é sempre uma experiência, e nem toda experiência resulta em filme. Mas eu concordo com o diretor João Uchôa Cavalcanti Netto, que a vida é isso: experiências, muitas das quais passam pela efemeridade dos encontros nas mesas de bar. Diálogos, declarações de amor e desamor, negócios, revelações, digressões, confissões, e a linguagem que mais fala: silêncios. Quando o pensamento apenas pensa, quando o sonho voa, quando a palavra não vem, talvez porque seja indigesta, talvez porque não seja o momento, talvez porque não seja possível.

Nas mesas de bar são feitos desenhos, escritos poemas, deletados arquivos, entregues envelopes, dados presentes. Apertos de mãos. Trocas de olhares. Esgrimas de palavras. Sorrisos, lágrimas, luto e euforia. Lembranças evocam o passado. Promessas provocam o futuro. E tudo o que existe é a experiência do momento fugaz e frugal em uma mesa de bar. Tudo cabe em uma mesa de bar. Até mesmo beber, comer. E viver.

Nessas mesas, circulares como távolas redondas, pensamentos subversivos foram perseguidos. Sem os efeitos especiais de um filme, com os efeitos reais da tortura, dos desaparecimentos forçados, do que até hoje a impunidade e a democracia formal não esclareceram.

Em “História de um dia no café”, Eduardo Galeano conta que, atrás do balcão, Prudêncio passa os olhos pelas notícias, e resmunga: “Aqui nunca acontece nada”. Enquanto isso, o Complexo do Alemão é ocupado, surgem as UPPs, a Copa do Mundo se aproxima, 2011 vem anunciando o imprevisível possível diante da finitude humana. Prudêncio, prudente como seu nome, deve estar atônito diante de tantas notícias que chegam, em segundos, na web, na sociedade hipermoderna, líquida, que parece querer evaporar-se enquanto espécie humana.

Ferreira Gullar provavelmente deveria estar em uma mesa de bar quando teve o insight: “A poesia existe porque a vida não basta”. A vida não basta, por certo, ela termina. Então, que se faça desta vida uma vida digna, onde a palavra fraternidade, como garantia de direitos sociais, políticos e individuais, não seja apenas uma palavra, um sonho, uma promessa, uma lembrança, ou um vapor.

Por que defender direitos humanos? Para que continuem os cavaleiros do século XXI a reunirem-se, nas subversivas mesas de bar.